ISSN: 2358-8829

AS “LUTAS” COMO CONTEÚDO CURRICULAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CARUARU: Um estudo nas escolas participantes do PIBID/ASCES-UNITA

Rafael Guimarães Silva [1]
Luan Inácio da Silva [2]

INTRODUÇÃO

A Educação Física entendida como movimento corporal surgiu desde os tempos mais remotos com várias manifestações, sendo as lutas uma delas. Segundo Rufino (2012, p.17) “surgiu com a própria origem do homem. A princípio, luta pela comida, com animais, com outros homens, para defender a terra, ou seja, lutar para sobreviver”. Com o passar do tempo essa prática foi adaptando-se com a realidade social das pessoas, mudando consequentemente seu objetivo, e assim construindo um novo a cada momento da história. Inicialmente, na Antiguidade, “Assírios, Gregos, Romanos, Egípcios, entre outros povos, passaram séculos a lutar para aumentar suas extensões e domínios”. Nascia a arte da luta como forma de sobrevivência ou de conquista (Archanjo, 2004, p. 26). Esse processo foi se modificando com o tempo, considerando outras dimensões importantes como a defesa pessoal e principalmente a saúde mental e física.

Uma melhor compreensão das Lutas no currículo de Educação Física na Escola Básica remete às proposições presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC que tem como referência a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) E A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN ou Lei 9.394/96 (Brasil, 1996), em uma alusão à garantia da qualidade de ensino e formação básica comum.

Prado (2015), compreende a educação física escolar como uma disciplina que deve proporcionar a integração dos estudantes à cultura corporal do movimento, promovendo -o e capacitando-o no desfrute pedagógico de esportes, jogos, danças, lutas e ginasticas de modo que se beneficie do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

[1] Graduado de Licenciatura em Educação Física pela ASCES-UNITA, rafael__guimaraes07@hotmail.com;
[2] Graduado de Licenciatura em Educação Física pela ASCES-UNITA; Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Centro Acadêmico do Agreste (CAA); Mestrando em Educação Física pelo PROEF da Universidade de Pernambuco (UPE) - Escola Superior de Educação Física (ESEF), luan.edf.silva@gmail.com;
A referente pesquisa deriva de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA).

ISSN: 2358-8829

Na BNCC (2018) a prática de Educação Física "Lutas" é um eixo temático no qual devem ser trabalhadas as seguintes habilidades:

> (EF35EF13) Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana. (EF35EF14) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança. (EF35EF15) Identificar as características das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais (Brasil, 2018, p.229).

Neste sentido, as lutas estabelecem relações diretas, por meio cultural, com as raças em que o negro, o branco, o índio e o oriental são pressupostos dessas origens, entre outras, a capoeira e o judô, ao mesmo tempo que integram práticas corporais que podem ter sua realização em contextos de lazer e saúde, dentro e fora da escola.

Com o objetivo de discutir como as lutas estão sendo trabalhadas ou não na Educação Física nas escolas participantes do PIBID/ASCES-UNITA em Caruaru-PE, a presente pesquisa justifica-se por literaturas indicarem as lutas como uma das mais embrionárias manifestações que surge juntamente com a própria origem do homem e que, nos dias atuais, deve ser trabalhada por trazer diversos benefícios ao aluno/cidadão (Rufino, 2012). A metodologia utilizada procura entender como está sendo trabalhado o conteúdo curricular "lutas" nas aulas de Educação Física através da coleta e análise de dados de questionários aplicados a cinco professores (as) da rede municipal de Caruaru-PE, bolsistas da CAPES/MEC.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é o estudo descritivo e transversal com amostras por conveniência. Foram analisados 05 (cinco) professores de Educação Física de ambos os sexos de 05 (cinco) escolas da rede municipal de ensino de Caruaru – PE, os quais são participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência - PIBID. O trabalho foi realizado no período de setembro de 2017 a novembro de 2018.

Como critério de inclusão fizeram parte do trabalho os professores que participaram do PIBID/ASCES-UNITA durante os anos letivos de 2016/17. Como exclusão, todos os profissionais que estiverem de licença, aqueles com menos de 6 meses trabalhando nas escolas em questão e não familiarizados com o projeto político pedagógico da escola, além dos que não pudessem responder aos protocolos corretamente.

A referente pesquisa deriva de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA).

ISSN: 2358-8829

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário, em um roteiro de perguntas pré-estabelecidas iguais para todos os pesquisados, e entregue aos mesmos, professores (as), que responderam fora da presença dos pesquisadores. Todos participaram como bolsistas de supervisão do programa PIBID/ASCES-UNITA, selecionados pelo edital ASCES 001/2014, decorrente da habilitação da IES no edital 061/2013 CAPES/MEC/FNDE, e encontram-se lotados nas escolas atendidas pelo programa e com no mínimo seis meses de atuação nas mesmas.

Com o questionário foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), esclarecendo natureza da pesquisa de acordo com a resolução nº466, 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012). Autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Tabosa de Almeida, não teve aporte financeiros de terceiros.

A Pesquisa obedeceu aos critérios de seleção dos conteúdos (análise de como o professor seleciona o conteúdo, com que frequência, referências, suas importâncias e deficiências); organização (procedimentos, condições, estruturas e materiais, e como influenciam na organização das aulas); sistematização (conteúdo lutas dentro de suas aulas e relação/importância a outros conteúdos); avaliação (como as lutas são vistas pela escola e comunidade, sua importância dentro da Educação Física e na formação do cidadão e do professor).

Para efeitos metodológicos e éticos, os profissionais foram nomeados com as siglas de P1, P2, P3, P4 e P5, de forma aleatória e não identificando assim a sua instituição de trabalho.

Observação: participação do PIBID/ASCES-UNITA durante a vigência do edital 061/2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observar historicamente, notamos que na atualidade, as lutas ganham um novo significado, podendo ser trabalhado pedagogicamente nas escolas. Cabe ao professor (a) adquirir subsídios que embasem suas práxis, referências que “possivelmente” apontarão caminhos a serem seguidos.

Ao que diz respeito a questão da seleção do conteúdo sobre diferentes pontos de vista, percebemos que os nossos entrevistados utilizam várias referências para trabalharem o conteúdo em suas aulas. Dois (duas) dos pesquisados (as), afirmam seguir as orientações emanadas na BNCC (2018), que se traduz em desenvolvimento de competências e habilidades já citadas no referencial teórico.

ISSN: 2358-8829

O respondente reconhecido como P4, acredita que nas lutas deve-se também levar em conta resgatar a cultura que o aluno está inserido, a cultura brasileira e as origens do branco, do negro, do índio e o contexto que a mesma surgiu. Apenas nessas duas referências, inclusive do mesmo cunho estadual, já é notado as lutas sobre diferentes perspectivas, o que possivelmente pode confundir o (a) professor (a) na hora de articular ideias, caso siga os dois documentos. Foram citadas pelos (as) pesquisados (as) outras referências seguidas como: dissertação do professor Flávio Archanjo; monografia do professor Rodolfo Pio; e Coletivo de Autores.

Embora as lutas sejam trabalhadas nas aulas, de qual seja o modo, foi notado nas respostas dos (as) pesquisados (as) dificuldades para trabalhar o conteúdo, segundo os mesmos, deficiências indicativas as referências abordadas, onde as mesmas apenas "[...] apontam os conteúdos a serem abordados, que não é ruim, porém, falta às vezes, a sensibilidade de "imaginar" se aquilo proposto é ou não significativo/motivante para os estudantes [...]" (P2), pois uma aula motivante (por exemplo) pode melhorar o processo de ensino aprendizado, caso o contrário o mesmo pode acarretar em um desenvolvimento deficiente do conteúdo (Silva, 2013).

É interessante ressaltar que essa dificuldade é imposta tanto pelos (as) pesquisados (as) que optam por se embasarem por documentos estaduais, quanto por livros e documentos de autores. Essa situação nos remete a limitante explanação dos documentos da área ou que contém a área, pela consequente carência de estudos da mesma (Correia e Franchini, 2010).

Questionados sobre as restrições no estudo das aulas de lutas na escola, concluíram que entre os motivos se encontram o fato de as lutas passarem por grandes transformações de pensamentos na atualidade em relação a tempos passados, exposto por Archanjo (2004); as diferentes concepções das lutas nos documentos objetivados para o trato da mesma na escola, que pode fazer com que professores (as) sintam insegurança quanto a massificar os documentos da área; o preconceito e desvalorização sofrida. Gonçalves e Silva (2013), falam que os professores diversas vezes trabalham as lutas sobre diferentes perspectivas prontas, sem explorar outras formas de incluí-las. As consequências disso são não haverem documentos e abordagens metodológicas que dê a real possibilidade para o trabalho e explanação dos conteúdos da linguagem corporal dentro da escola (Pio e Melo, 2011).

Conclui-se que as lutas são pouco sistematizadas nas referências citadas pelos (as) pesquisados (as), não tendo um detalhamento apropriado a realidade que concretize a ação do profissional enquanto trabalho correto do conteúdo, expondo a fragilidade. Notou-se também que mesmo todos relatando trabalhar as lutas de forma teórica e prática, ela não é tratada com

ISSN: 2358-8829

devida importância, tanto pelas referências e livros de Educação Física, quanto pelos (as) professores (as) em questão.

No que diz respeito a organização dos conteúdos dentro de uma ideia lógica de construção do conhecimento, os entrevistados defendem que depende de algumas variáveis, dentre elas se a escola possui condições adequadas para seu desenvolvimento e prática. Estrutura, materiais, espaço e entre outras variantes podem desempenhar um papel importante no planejamento e regência das aulas. Segundo Wilhelms e Sampaio (2009, p. 6) "quando se trata de uma disciplina que estuda a cultura corporal de movimento, um espaço físico adequado torna-se imprescindível para o seu sucesso dentro do ambiente escolar".

O pesquisado P3, por exemplo, afirmou que "Se uma escola possui tatames, uma vasta quantidade de jogos de combate pode-se ser imaginada, pelo menos, se não possui, essa vasta a quantidade de jogos diminui drasticamente".

Uma questão importante foi sobre o que se refere as escolas, será que as mesmas oferecem reais condições para o trabalho das lutas nas aulas de Educação Física? De acordo com a maioria (três) dos (as) pesquisados (as) a resposta dessa pergunta é "não". Pois os mesmos relataram que as escolas não fornecem reais condições, pela falta de materiais, estrutura física, falta de interesse e preconceito com determinados tipos de lutas, entre outras. Alencar (2015) e Chicati (2000) também falam dessa falta de condições e acreditam a mesmo ser ainda mais comum nas escolas públicas. O que provavelmente implica no desenvolvimento das aulas, de acordo com Wilhelms e Sampaio (2009), como já citado acima, e mais reforçado por Santos, Nascimento e Menezes (2012) e Belo et al. (2016), é que a carência de equipamentos, e a falta de instrumentos e recurso apropriados de trabalho em escolas, afetam as condições de ensino e a aprendizagem.

Diante das respostas dos (as) pesquisados (as) evidenciou-se a falta de condições necessárias para a regência das lutas nas aulas. Porém, essa deficiência estrutural nas instituições de ensino dificulta, mas não justifica o (a) professor (a) não trabalhar o conteúdo em suas aulas, pois conforme Sebastião e Freire (2009) as aulas em ambientes abertos podem conter imprevistos, e cabe ao professor ter um planejamento bem organizado com possíveis soluções para que os mesmos não venham a atrapalhar o proceder do conteúdo. Portanto, entende-se que a transmissão do conteúdo por parte do professor deve acontecer da melhor forma possível, afim de superar os empecilhos entre a transmissão do conteúdo e os obstáculos encontrados, para que os mesmos não sejam barreiras na construção do conhecimento.

No item reconhecido **sistematização**, pode-se afirmar que os conteúdos seriam o ato de organizá-los de forma lógica em seus diversos níveis de ensino. Seguindo essa linha de

A referente pesquisa deriva de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA).

ISSN: 2358-8829

raciocínio, os (as) pesquisados (as) quando questionados sobre a forma que utilizam para selecionar e sistematizar o conteúdo das lutas que são ministradas em suas aulas responderam: trabalhar as lutas de forma generalizada, e cultural, trazendo as turmas para o planejamento e decisão (P1); trabalhar o conteúdo através de jogos de combate, por serem mais proveitosos e possíveis para professores com pouca experiência (P2); trabalhar o conteúdo das lutas mais fácil e com uma didática simples, para que com sua pouca experiência tente passar o conhecimento e despertar o interesse dos alunos (P3; P4; P5), haja vista que, segundo o professor (a) dois (P2) "os discentes não se interessam em reproduzir movimentos, só se forem obrigados".

Nas respostas dos (as) pesquisados (as) acima o processo de sistematização ocorre a partir de um ponto de vista cultural que resgata o sentido da luta, com a mesma linha de raciocínio citada na BNCC (Brasil, 2018). Vale ressaltar que a democracia proposta pelo (a) professor (a) a partir do momento que ouve as opiniões dos (as) alunos (as) quanto ao planejamento de suas aulas. Por outro lado, isso mostra também a não massificação do (a) professor (a) em relação ao conteúdo a ser trabalhado, no momento que trabalha as lutas de uma forma generalizada.

Observou-se, não se sabe pelo pouco tempo de docência ou pelas próprias condições de trabalho, que há falta de experiência dos (as) professores (a) em relação as lutas, recorrendo então a estratégias que lhe dê uma base para trabalhar a mesma. Quando questionados sobre a referida condição, foi explicado pelo (a) professor (a) cinco (P5), onde o (a) mesmo (a) identifica que "deve-se ao fato de a luta ainda ser "marginalizada" pela sociedade e por esse motivo é pouco trabalhada nas graduações [...]". É gerado esse reducionismo por parte dos discentes em formação, e que futuramente hipoteticamente levarão essa deficiência enquanto profissionais atuantes na escola.

Rufino e Darido (2013, p. 17) amparam na mesma ideia, apontando em relação a alguns conteúdos da Educação Física, dentre eles as lutas, uma "formação profissional deficiente", que é muito vista hoje nas escolas e comprovadas nos relados em questão.

Essa falta de domínio relatado, e consequentemente o trabalho do conteúdo de um modo simplista, pode acarretar problemas na formação e desenvolvimento dos alunos em relação ao conteúdo. "Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar" (Lopes, 2009, p. 2).

Levando em consideração o compromisso com o conteúdo, a ação-reflexão e o despertar da crítica relacionada a cultura do corpo, além da igualdade na disseminação dos conteúdos, os

ISSN: 2358-8829

pesquisados foram questionados sobre a quantidade de aulas referentes as lutas, se eram tidas na mesma quantidade de outros conteúdos da linguagem corporal como, a ginástica; esportes; jogos; e danças. Todos responderam na mesma ideia, que o conteúdo lutas não tem a mesma quantidade de aulas referentes a outros conteúdos, ela é sistematizada com um percentual menor, também relatado na pesquisa de Belo et al. (2016). Foi confirmado reducionismo por parte dos (as) professores (as), que pode muitas vezes ser explicada pela falta de experiência, levando um certo desinteresse, e assim priorizando outros conteúdos.

Ao longo das respostas dos (as) pesquisados (as) e da reflexão obtida por autores, nota-se a sistematização do conteúdo em várias perspectivas, mas todas confirmando dificuldades encontradas pelos (as) professores (as) em questão, e a falta de interesse de alguns alunos em relação a mesma, aspectos explicados pela marginalização e reducionismo das lutas na sociedade, na formação profissional e na escola. Esse problema na escola começa a ser visto a partir do momento que as lutas têm um percentual menor de aulas referentes a outros conteúdos da linguagem corporal, restringindo assim seu possível potencial.

Conclui-se que as lutas são trabalhadas de uma forma simplista, motivadas pela falta de competência e experiência dos (as) pesquisados (as) em operacionalizar o conteúdo, mostrando uma desvalorização clara exposta por todos os (as) professores (as) em questão.

No item avaliação buscou-se entender de como as lutas são vistas perante a comunidade e escola, identificando a partir da opinião dos (as) pesquisados (as) sobre a importância da mesma e o que ela pode trazer para o aluno/cidadão, e por fim se os mesmos se sentem aptos a regerem o conteúdo.

Em relação a como a comunidade e escola recebem as lutas, as respostas dos (as) professores (as) remeteram a duas situações. Primeira, que a escola e comunidade não recebem bem o conteúdo, com receios, desconfiança e por parte dos (as) alunos (as) um certo machismo, além de alguns preferirem outros conteúdos da Educação Física (P1; P2; P3). Esses aspectos já vinham sendo vistos nos tópicos acima, onde as lutas recebem esse reducionismo imposto. Archanjo (2004) fala que essa forma de se trabalhar as lutas já se torna rotineiro, a partir do momento em que as pessoas que deveriam incentivar (professores que trabalham o conteúdo) são as primeiras que cometem esse preconceito com o conteúdo.

Rufino e Darido (2013), vêm tal problema sobre uma perspectiva educacional, remetendo que a desvalorização:

ISSN: 2358-8829

> Vai desde a formação profissional deficiente em relação a esses conteúdos, até o preconceito que ainda existe em relação a determinadas modalidades, passando pela falta de infraestrutura das escolas, o apoio da direção e até as expectativas dos alunos e da comunidade em geral (Rufino e Darido, 2013, p.17).

É importante ressaltarmos um aspecto citado nas respostas de alguns (algumas) pesquisados (as), o "machismo". Como, após o grande desenvolvimento das lutas através dos séculos, ainda temos dentro da escola o mesmo sendo considerado muitas vezes um conteúdo para exclusiva prática de "homens"? O que leva a isso? Gonçalves Junior e Ramos (2005) falam que a questão de gênero e sexo é algo historicamente construído, onde são impostos papéis para cada sexo na sociedade, limitando-os ao que pode e não pode, de acordo com a sociedade. Vianna (2003) também fala do assunto nessa mesma ideia, mas remete que por essa visão de gênero ser algo construído, também ser mudado. Sendo assim esse "machismo" encontrado provavelmente não foi desconstruído até o momento por deficiências de práticas educativas voltadas a quebra de paradigmas dentro e fora da escola.

Nesse caso cabe inclusive ao professor, diante do exposto, trazer estratégias para que essa visão seja desfeita, já que as aulas dos conteúdos da linguagem corporal, inclusive as lutas, são ambos os sexos e gêneros.

A segunda perspectiva vai de contra a primeira, onde segundo dois (duas) pesquisados (as) as lutas são bem vistas pela escola e comunidade (P4; P5). "Pelo olhar dos alunos acredito que eles recebem bem, pois apesar de ser básico, eles participam muito das aulas" (P4). Oposto do exposto por alguns (algumas) professores (as) em questão anteriormente.

Mas porque essa diferença de aceitações de um local para o outro? Para tentar entender essa ideia, primeiramente, Candau e Moreira (2003, p.160) falam que, a escola é um meio cultural, onde suas ideias e concepções são definidas de acordo com todos em volta, como "universos entrelaçados", que se articulam e desenvolve os envolvidos cotidianamente. Levando em consideração mais essa ideia, acredita-se essa divergência de resultados sobre dois pontos: por concepções culturais da comunidade escolar construída; por incentivos ou não de professores (as) ou outras pessoas do meio escolar, já que são formadores de opiniões dentro no âmbito escolar.

Os (as) pesquisados (as) também foram questionados (as) quanto a importância do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física escolar e como o mesmo pode influenciar na formação do aluno como cidadão. Lançanova (2007, p. 4) acredita que:

> As lutas, como um ramo da Educação Física Escolar, reúnem um conjunto de conteúdos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do

ISSN: 2358-8829

> educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor, nas mãos do educador, por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem (Lançanova, 2007, p.4).

Em relação (as) professores (as) questão, todos opinaram positivamente sobre importâncias e influencias ao aluno. As mesmas citadas como: “o conteúdo luta na escola pode ajudar os alunos a desenvolverem uma visão crítica” (P2), “Além de ser uma oportunidade de podermos trabalhar a não violência por meio da luta” (P5), “contribuição para o indivíduo no exercício de sua cidadania, pois lhe fornece referências que aponta possibilidades para tomar decisões mais criteriosas” (P1), e a relevância social e cultural que a mesma traz (P3; P4). Todas respostas dos (as) pesquisados (as) seguiram a mesma ótica de importância de Pinto (2014) onde o mesmo indaga que o conteúdo lutas educa porque ensina valores aos alunos, como saber ganhar e perder, ensinando a competir saudavelmente, trabalhando assim a não violência.

Embora sejam plausíveis a consciência de benefícios oferecidos pelas lutas exposta pelos (as) professores (as), notou-se contradições, pois é visto ao longo dos tópicos, o reducionismo e preconceito dos mesmos em relação as lutas. Então comprova-se uma visão clara de importâncias (descritas pelos mesmos), mas não as colocando-as em prática como potencialmente deveria ser.

Por último, os (as) pesquisados (as) foram questionados (as) se se sentem aptos (as) a ministrarem as aulas de lutas em suas aulas, e as possíveis deficiências referentes. A maioria dos (as) professores (as) responderam positivamente (P1; P2; P3), apesar de apontarem deficiências como: falta de momentos para planejamentos e principalmente a falta tanto de experiência, quanto de qualificação. Silva e Oliveira (2014) salientam a importância não só de uma atualização constate, como também um certo aprofundamento em relação ao conteúdo da área que em que se atua. Sendo de total importância que o professor continue estudando, com o intuito de crescer em conhecimento, transpassando para suas aulas (Rodrigues, Lima e Viana, 2017).

Conclui-se que as lutas na maioria dos casos são vistas com um certo descaso pela comunidade escolar, descaso esse que também é exposto pelos (as) professores (as) em questão, que se contradizem ao mostrarem entendimentos das importâncias das lutas para o desenvolvimento e formação do aluno/cidadão, mas não colocando em prática, na maioria das vezes por falta de experiência e prioridade para planejar as aulas do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referente pesquisa deriva de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA).

Conclui-se que as lutas são trabalhadas de forma reducionista e simplista, não sendo dada devida importância, tanto por parte dos (as) professores (as) pesquisados (as), com falta de prioridades para planejamento específico e concreto para as aulas de lutas, provavelmente motivadas pela deficiência de experiência relativa a mesma, principalmente nas aulas práticas; pelos documentos da área de Educação Física voltadas as lutas, por falta de uma melhor sistematização e organização levando em conta o público alvo; pela comunidade, com um descaso e falta de um local adequado para o seu desenvolvimento; e também por parte dos alunos, que em alguns casos não têm interesses pela prática de atividades físicas, inclusive e principalmente as lutas, pelo grande preconceito construído historicamente pela sociedade.

A importância das lutas no processo de formação acadêmica ainda é uma questão a ser superada e a motivação para que elas sejam realizadas dentro do contexto curricular das aulas de Educação Física ainda é um desafio a ser resolvido.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Yllah Oliveira. et al. As lutas no ambiente escolar: uma proposta de prática pedagógica. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2015. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5092/3996>. Acesso em: 21. Out. 2018.

ARCHANJO, Flávio Miguel. **Aspectos históricos e epistemológicos das lutas corporais.** Recife: ESEF-UPE, 2004.

BELO, Charles da Silva. et al. **Aplicação do conteúdo Lutas na escola: estudo nas escolas de referência em ensino médio de Caruaru-PE.** Caruaru: 2016. Disponível em: <http://repositorio.asces.edu.br/bitstream/123456789/461/1/APLICA%C3%87%C3%83O%20DO%20CONTE%C3%9ADO%20LUTAS%20NA%20ESCOLA.pdf>. Acesso em: 21. Out. 2018.

BRASIL. **Base nacional comum curricular.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Presidência da República. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 23 dez. 1996.

BRASIL. **Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012**. Ministério da Saúde: Conselho Nacional de Saúde. Brasília, dez. 2012. Disponível em: <http://googleweblight.com/?lite_url=http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html&ei=TJ_Ejc-C&lc=pt-BR&s=1&m=946&host=www.google.com.br&ts=1495556564&sig=ALNZjWkRquJRWiJ9YQXF7mU8jRB- LuAkHg>. Acesso em: 22 mai. 2017.

A referente pesquisa deriva de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA).

CANDAU, Vera Maria Ferrão; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Educação Escolar e Cultura (s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Brasil, v -, n.23, p. 156-168, 2003.

CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n.01, 2000. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3799>. Acesso em: 21. Out. 2018.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 01-09, 2010.

GONÇALVES, Arisson Vinícius landgraf; SILVA, Méri Rosane Santos Da. Artes marciais e lutas: Uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 657-671, jul./set. 2013.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco Nunes Souto. **A Educação Física Escolar e a questão de gênero no Brasil e em Portugal.** São Carlos: EdUEFSCar, 2005. v. 1, 30 p.

LANÇANOVA, Jader Emilio da Silveira. **Lutas na educação física escolar: alternativas pedagógicas.** 2007. Disponível em: <https://1e7ad6f0-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/lutasescolar/lutas_na_educ_fis_escolar.pdf?attachauth=ANoY7crPvK_EBsr8K2y3RxbTUCDdfDz6I9WR6LzlxUtGcMl17G8snaELrHtOLZcwBYvLBEHE5XkWI94Vh_K5Lil9UGZ1lOrifatBaaxTyQDiHFqCEIS7pEvCiTYxS5Nkh1Wo1a2wXpaqYhydIGGYmTuFKa0iOGLH1AcvPZyybhQ3eNJ59RFSmAff1f0Y5tV7JupodAZyMltgx1OE1ybZkPnc-S9rPwzhpwvh64e7aghcyZ0bh6kkbns%3D&attredirects=0 >. Acesso em 14. jul. 2018.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A Relação Professor e Aluno e o Processo de Ensino Aprendizagem**. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf >. Acesso em: 24 set. 2018.

PIO, Rodolfo; MELO, José Pereira. A Luta enquanto conteúdo da Educação Física escolar: Limites, possibilidades e desafios para a prática pedagógica. In: Congresso Nacional e Internacional de Educação Física Saúde e Cultura Corporal da Universidade de Pernambuco - UFPE, 2011, Recife. **Educação Física e a Globalização do fenômeno esportivo**, 2011.

PINTO, Vinicius Emanoel. **O conteúdo lutas nas aulas de Educação Física: contribuições e possibilidades**. **VI CONCOCE e X CONEF**, Brasil, out. 2014. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/6concoce/10conef/paper/view/6079>. Acesso em: 23 out. 2018.

PRADO, B. M. B. **Educação física escolar: um novo olhar.** Passo Fundo - RS, v. 10, n. 21, jul, 2015. Disponível em: <www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/245_1.pdf>. Acesso em: 12. jul. 2024.

A referente pesquisa deriva de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA).

RODRIGUES, Polyana Marques Lima; LIMA, Willams dos Santos Rodrigues; VIANA, Maria Aparecida Pereira. **A importância da formação continuada de professores da educação básica: a arte de ensinar e o fazer cotidiano.** 2017. Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/ Acesso em: 23 out. 2018.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A Pedagogia das Lutas: caminhos e possibilidades.** Jundiaí: Paco, 2012.

RUFINO, Luís Gustavo Bonato; DARIDO, Suraya Cristina. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**, v. 11, p. 144-170, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/863763>. Acesso em 20 jul. 2018.

SANTOS, Maria Rubenize dos; NASCIMENTO, Maria Aparecida; MENEZES, Jaileila de Araújo. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. Rev. **latinoam.cienc.soc.niñezjuv**, v. 10, n. 1, p. 289-300, 2012.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso**. Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6766/5982>. Acesso em: 19 jul. 2018.

SILVA, Ana Maria; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **A relevância da formação continuada do (a) professor (a) de educação infantil para uma prática reflexiva**. In: III Jornada de Didática - Jornada de Didática: Desafios para a Docência e II Seminário de Pesquisa do CEMAD, 2014, Londrina. Anais da III Jornada de Didática - Jornada de Didática: Desafios para a Docência e II Seminário de Pesquisa do CEMAD. Londrina, 2014.

SILVA, Geruza Barbosa. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar**. Monografia Especialização em fundamentos da educação - Universidade estadual da Paraíba, Pró-reitoria de ensino médio, técnico e educação a distância, 2013. Disponível em < http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9644/1/PDF%20-%20Geruza%20Barbosa%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 22. Out. 2018.

VIANNA, Cláudia. Educação e gênero: Parceria necessária para a qualidade do ensino. In: São Paulo (Cidade). Secretaria do Governo Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. **Gênero e educação: Caderno para professores.** São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003. Não paginado.

WILHELMS, Egon; SAMPAIO, Adelar Aparecido. **Implicações na prática pedagógica da Educação Física pela ausência da quadra de esportes coberta.** 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_artigo_egon_wilhelms.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

A referente pesquisa deriva de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA).